

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



## EM VESPERAS DE NATAL

(Composição de Stuart Carvalhaes).

II Série — N.º 409

Lisboa, 22 de Dezembro de 1913

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

DIRETOR E PROPRIETÁRIO:  
J. J. DA SILVA GRAÇA  
EDITOR:  
JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redação, administração,  
of. composição e impressão  
RUA DO SÉCULO, 43

Agência da  
ILUSTRAÇÃO  
PORTUGUEZA  
em Paris,  
Rue des Capu-  
cines, 8

Assinatura para Portugal,  
colonias portuguesas e Hespá-  
nha:

Trimestre ..... 1420 cent.  
Semestre ..... 2440 \*  
Ano ..... 4680 \*

Numero avulso... 10 cent.

STUART.

# 2000 Milréis de recompensa Aos calvos e aos sem barba



Cabelo aos calvos e barba aos sem ela nasce em 8-15 dias por meio do genuíno bálsamo Nokah dinamarquez, gente velha e nova. Senhores e senhoras obtêm com o bálsamo Nokah uma barba bonita e cabelo abundante. Tem sido provado que o bálsamo Nokah é o único remédio da ciência moderna que der resultado em 8-15 dias produzindo tal efeito nas raízes dos cabelos que o cabelo cresce logo depois de empezar o tratamento. Garante-se que não é necivo.

Se isto não for verdade pagamos

2000 Milréis em efetivo

aos calvos e aos sem barba que tem empregado o bálsamo Nokah sete semanas sem que o remédio lhes tenha da lo resultado.

Importante: Somos a unica casa no mundo que oferece tal garantia. Temos muitos certificados e recomendações. Fica proibida qualquer imitação.

Em quanto aos meus ensaios com o bálsamo Nokah posso dizer que estou muito satisfeito. No principio tinha também em desconfiança no seu produto, porém, a experiencia me tem ensinado o contrario. Já depois de alguns dias podia ver um resultado e passadas 4 semanas tinha alcançado um bigode magnifico. O resultado é tanto mais surpreendente porque, ainda que eu tivesse 25 anos, não tinha o menor principio de bigode ou barba por grande, velho e Uro.

H. Hjo-t. Tvergade.

antes do uso do seu bálsamo Nokah. (com gosto Vr. recomendar) a V. S. Posso recomendar a qualque. Senhora o genuíno bálsamo Nokah dinamarquez para fazer nascer cabelo. Depois de muito tempo tenho sofrido de caída de cabelo de maneira que pareciam lugares absolutamente calvos. Estão depois de ter usado o bálsamo Nokah por 3 semanas, o cabelo voltou a crescer de novo e hoje já tenho cabelo abundante.

1 pacote de Nokah custa Forte: A. 2 1/2 Milrés. B. 1 1/2 Milrés—Porte 125 Réis.

Embalagem discreta. Contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no ato da entrega. (Aceitam-se também estampilhas em paga.

Das colônias e paizes ultramarinos portuguezes deve a importancia ser enviada adiantadissima.

Hospitals Laboratorium, Copenhagen K 47

Postbox 95 (Dinamarca)

Cuide-se a franqueza com o respectivo porte pa a o es ranqueiro.

Carta para 5 cents, bilhete Postal 2 cents.

**Le Chevalier d'Orsay**  
Este perfume se harmoniza com o aroma do charuto  
D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

**PARA QUE VIVER?**

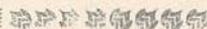
triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegria, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saude, arte, amor, correspondência, ganhar aos jogos e loerias, pedindo a curiosa brochura gratis, em portuguez, do professor YVALO, 35, Boulevard Bonne-Nour He, 35 e 37.

Sabonete preparado com os saes das Aguas



de **Mizella**

o melhor para a pelle

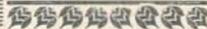


**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS**

OFICINAS DA

"Ilustração Portuguesa"

R. DO SEculo, 43 — LISBOA



**Perfumaria Balsemão**

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



**Cabelos fortes, abundantes limpos e sedosos,** CINCOENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

**Tonico Amarelo** com sello **Viteri**

Preparado desde 1881 pela PHARMACIA BARRETO. — Suspende a queda do cabelo, promove o seu crescimento, da-lhe flexibilidade e desengordura-o, facilitando o penteado das senhoas. Regenera a cór primitiva. Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo, impede a calvice, conserva os frisados e ondados. Não contém enxofre. Frasco 700 réis. Para fóra de Lisboa mais 100 réis para porte e registo. Depos:to geral

**VICENTE RIBEIRO & C.ª** - 84, R. Paquelros, 1.ª - LISBOA

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

## CRONICA

22-12-1913

N.º 409

### Mona Lisa

Se a propria mulher de Francesco del Gioconda, a obscura patricia italiana, tivesse desaparecido da Florença do seculo xv, para onde a levasse o Amor sobre os seus altos coturnos de madeira do rada, — decerto o mundo não teria palpitado de comoção ao conhecer a noticia da sua perda. E quatro seculos depois, a desaparição da simples imagem d'essa mulher, da vaga sombria da Gioconda,



do espétro impalpavel da Gioconda, — interessa, abala, comove o mundo inteiro. E' que a mulher vale pela centelha divina, pelo clarão fugitivo que a ilumina um instante — e a abandona para sempre. A mulher é um momento. O poeta, o pin-

tor, o estatuário que tiverem o poder de adivinhar, de surpreender, de fixar esse momento supremo, essa centelha unica, esse clarão fugaz, — immortalizam-se e immortalizam-na. Podem rodear de bobos, de musicos, de cantores as mais belas mulheres, como fez Vinci á sua Gioconda, emquanto a retratava: — o sorriso de Mona Lisa, por cada dez mil bocas, florirá apenas uma vez.

### Bébés



Começa hoje a semana de *Bébé*. Começa hoje a semana do Natal. Uma revoada cor-de-rosa voeja á nossa volta, como se se tivessem despojado de «amores» todos os quadros de Watteau ou de Boucher. Um grande sorriso enche a nossa pequena existencia. *Bébé*, satisfeito, vê de noite as monstas; delira diante dos ursos felpudos do Bénard; ri para o seu proprio retrato nos bébés de celuloide que o olham com os seus olhos de loiça azul; tumultua diante das imensas arvores do Natal feitas de pequenissimos ramos dourados de pinheiros, e encandeado da luz, deslumbrado de maravilhas, estonteado de comoções, abre a boquita sonolenta, esfrega os olhos, pende, sorri e murmura, como o *Bébé* de Beldemonio

— Está sono!

### Higiene

A impressão que tiveram de Lisboa os estrangeiros que nos visitaram no seculo XVIII, Beckford, Costigan, Twiss, é precisamente a mesma que tem, ainda hoje, os estrangeiros que nos visitam: a impressão d'uma cidade



sem aceso e sem hygiene. Os cuidados da limpeza municipal só

são rigorosos na caiação ana pintura das fachadas dos predios, — ás vezes com prejuizo da *patine*, d'esse leve muge dourado que é o titulo de nobreza e de gloria dos velhos edificios. Os habitos arabes impregnam a nossa existencia intima e a nossa vida urbana. O desleixo fundamental do portuguez é o seu maior defeito, —

e esse desleixo revela-se em tudo, até na permanencia das causas, conhecidas de todos nós, que tem mantido, nos ultimos tempos, a febre tifoidea em Lisboa.

### O frio

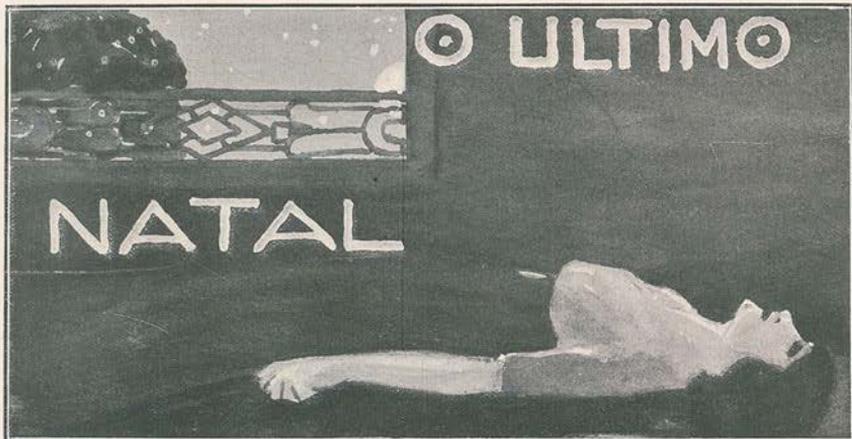
O frio chegou, intenso, mordente, vivo. O ar corta, em chicotadas de neve. Apesar da luz dourada do sol parece que caminhamos debaixo d'uma grande campanula de gelo. A *Eva* moderna enche-se de pelicas, cobre-se da-graça liturgica das estolas de peles, guarda as pequeninas mãos em regalos enormes onde



dormem *chaufrettes* de nikel e bilhetes de amor, veste-se de casacos de lontra com golas de *skungs* ou de linco, toca-se de bonés de tigre ou de raposa, — e seria injusto não confessar que é precisamente a pele da fera o vestuario que melhor fica á mulher.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo)



O vapor atracará á vista de Lisboa. Vinha cançada da viagem, o corpo lasso pelo enjôo, a cabeça esvaída, toda quebrada pela febrisita que ha dias a trazia um pouco fraca. Encostára-se á amurada olhando orio, respirando a planos pulmões o ar fresco da manhã, o peito dilatando-se-lhe na funda aspiração d'aquelle cheiro acre da marezia na embriaguez da atmosfera rica d'oxigenio.

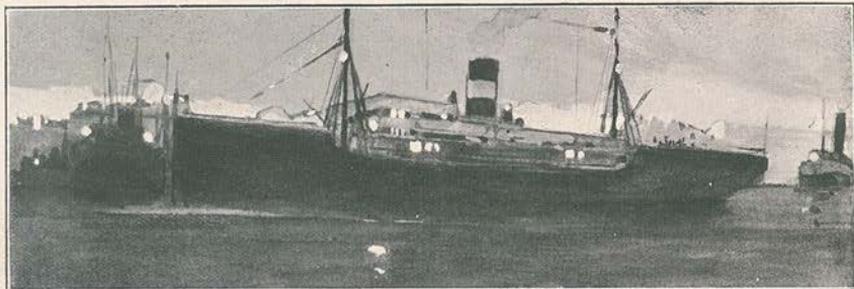
Sob o chapéusito mole de feltro derrubado, cuja pena oscilava e tremia ao vento fresco, os caracoes do cabelo loiro como o trigo palpitavam enovelados brincando-lhes na testa, dançando sarabandas na nuca de pêlos setinosos, onde havia brancuras alvissimas de carne nova. Olhava o largo, a cidade que avultava lá ao fundo n'uma decoração soberba estendendo o casario pelas margens como um rosario gigantesco que se f'esse desfilando. A' esquerda um comboio fumegava animando a curva que a terra fazia, debruada por renidas d'espuma. Revoluteavam no ar bandos de gaivotas, em gritos roucos, formando circulos, cruzando-se, recruzando-se n'uma revoada palpitante d'azas brancas. Ia-se levantando o sol. Ao longe, as

dro que lantejoulavam o escuro dos telhados, como olhos enormes de monstros vigilantes. Alongou a vista, procurou o binoculo e o olhar começou-se-lhe ferido por aquella luz irradiante que fazia cantar a agua sob uma chuva d'oiro, esmaltando de tons claros os montes que na outra margem se perfilavam cheios d'arvoredo verdejante, aqui e além manchados pelo casario das povoações d'onde a essa hora na serenidade da manhã, penachos de fumo se elevavam para o ceu.

E era sempre o mesmo tema repetido de casas brancas, de verdes ofuscantes, de ceu azul, d'um azul que a desesperava.

Sentiu-se só, absolutamente só, n'um meio onde tudo lhe era desconhecido, desde as caras ás casas, desde as casas á raça, desde a raça á paisagem.

Um ermo se fez á sua volta e o coração cerrou-se-lhe de tristeza, pensando na sua terra, na sua familia, nos amigos, em tudo quanto conhecia e quanto amava, que deixara seguindo a róta da sua vida, lançada na luta dos que tem de prover ás suas necessidades pelo esforço proprio.



torres, os altos, as eminencias dos montes iam-se doirando, e toda a cidade aparecia nimbada de luz, n'uma claridade faiscante e deslumbradora d'apoteose.

O ceu era d'um azul transparente, macio, clarissimo d'uma tenuidade leve de cambráia, e sob aquella cupula a cidade d'uma brancura irritante para os seus olhos, reverberava á luz, acendendo fulgôres extranhos d'incendio nas rozaceas das igrejas, nas vidraças das casas, nas telhas de vi-

Era mulher; e a força da raça que organiza as colonizações perigosas das regiões inospitas, que peja a oiros os minutos de vida, que faz do selman uma divisa, não lhe dominára o coração a ponto de não sentir a mudança dos seus habtos, da sua vida, da sua terra, da troca dos seus por extranhos que nunca vira, que nunca conhecera e que lhe pagavam o esforço da sua inteligencia e do seu esforço, os seus sorrisos e as suas boas maneiras.

Extranha entre estranhos, atevia ao longe a docura do *cottage* tranquillo, em que os irmãos-garrulavam na sua lingua de trapos de babis, enquanto ella ia estudando, preparando o espirito para a luta da vida, que a necessidade atrahia para longe. Olhava o mundo como uma arena onde se desce a lutar com as feras e o seu espirito sentindo o atavismo d'uma raça, segregava-lhe que era preciso ser forte para vencer.

Mezes depois em Lisboa a sua saude inspirava cuidado, e por sua causa a familia que a mandára vir, anticipára a sua ida para o Estoril. Ia-a mandando a febre lentamente, e a cara cavava-se-lhe em rugas fundas, que lhe punham em relevo os ossos da caveira. O nariz aflava-se-lhe mais e mais, e nos olhos azues, d'olheiras pisadas violetas, havia uma luz intensa, metalica, penetrante como um gume. Tinha-se-lhe espiritualizado o rosto n'um macerado l'vido de saude de painel, e nas faces, rosetas d'um carmesim desmaiado punham tons setineos e rosados de pecego. As lições eram um sacrificio dia a dia, até que a conselho do medico foram interrompidas sob o pretexto delicadissimo da saída da discipula para uma viagem.

Passava horas na cadeira de vèrga sobre o ter-

ras encavilhadas e lassas torturas do «spleen», mergulhava nas ondas como uma brazza, e todo o ceu ficava incendiado por largo tempo até que as c'eres se iam esbatendo e o mar, violeta, começava a picar-se das luzinhas dos faroes, dos sinaes dos vapores que ancoravam ou que seguiam a sua derrota. Toda a encosta povoada de «chalets», indecisos de fôrmas n'aquella luz dubia do crepusculo, se animava e luzes apareciam aqui e além, salpicando a escuridão que ia tombando, riscando a noite, denunciando vidas, almas, enigmáticos olhos velando sob a sua doença.

Tinham emigrado as andorinhas, e com ellas e gente chic que ella se entretinha a vêr passar, um livro de Dickens, esquecido no regaço, muito embrulhada na sua manta de xadrez, que era ainda um pedaço do seu nome, da terra querda e longiqua. Quasi tudo ia saindo para Lisboa. Também ella iria. Ia-se sentindo melhor, muito melhor, e lá para os principos de Dezembro embarcaria a tempo ainda de ir ás festas do Natal, tão queridas ao seu coração de inglesa. Iria ter com os irmãos que estariam mais crescidos, mais ingleses, mais seus irmãos...

E assim se lhe escoavam os dias, conversando, cismando, fazendo o seu plano de viagem, toda entregue áquella ideia da volta.



raço olhando o mar, a ideia de ser pezada e de incomodar aquella gente extranha, constringendo-a, irritando-a, agravando-lhe o mal.

D'aquelle alto, a curva doce dos Estoris estendia-se suave até Cascaes, bordada pela agua roçando pela costa tecidos avilissimos e filigranados d'espuma. Passavam vélas ao largo; vultos negros e monstruosos de vapores singravam lá longe coroados pela nuvem de fumo das maguinhas, e o pensamento levava-a para longe, para muito longe, querendo ir com aquellas velas atravez das aguas até ás terras encantadas e saudosas da Escocia, que lhe acenavam de lá como um enlêvo doce e querido da sua alma de doente.

Não tardava o inverno. As arvores iam-se despidendo da sua garrida roupagem de verdes, começavam d'amarelecer as folhas, caíndo ao sópro das primeiras nortadas, revolteando á ventania, brilhando no ar um segundo, ultimo da sua vida, como se quizessem ainda n'esse ultimo vôo cheio d'uma graça melancolica, apegar-se ao tronco que as fizera nascer. Floresciam os crisantemos nas ruas do jardim, cabeceita fendida na revolução artistica das suas cabeleiras, pondo uma nota viva de côr nos alegretes crestados pelas geadas.

As tardes, o sol, este sol do sul que a matava de saudades e de tedio, amarfanhando-lhe a alma

De vez em quando vinha um ataque de tosse, punha-se muito encarnada, escarlata, o bistro das olheiras arroxava-se mais e p'ra ali ficava toda caçada, o peito despedaçado pela violencia da expetoração, n'uma respiração fraca e debil de creança. Levava o lenço á boca e retirava-o manchado de sangue. E era então, d'olhos fechados no torpôr da febrinha insidiosa que lhe ia gastando a vida, na soledade da fraqueza que a tomava, que ella em extasis revia a Escocia.

Sorria toda a cara moída, cadaverosa, cavada de sulcos, d'uma côr transparente de cera movelada. Aflavam-se-lhe as mãos cruzadas no regaço, com os dedos a esgulgarem-se como ponteiros d'ossos, e atravez da epiderme as veias tinham tons azulados n'uma rede complicada e subtil de ramificações.

Dezembro chegára enevoado, frio, com noites clareadas por um luar aligido que punha no dorso das ondas revoltas escamas de prata d'anímaes fabulosos.

Os pinheiros dos montes, batidos pelos vendavaes na galopada vertiginosa, febrilmente eléctrica dos ventos, vivavam elegias, baladas doidas de som, em imprecações, em uivos, em guinchos, em

casquinadas que se repercutiam no ar, como gritos de d'ões desesperadas.

Sentia-o toda a noite, empurrando as portas, fazendo bater as vidraças, abalando todo o «chaleto», acompanhado como um virtuoso n'aquelas litánias barbaras e doudejantes, pelos rancos surdos do mar, cantar do nas rochas as imprecações d'odio dos milhões d'almas d'afogados. A's vezes ouvia-o mais embravecido, cheio de colera, rugindo de furia, com ribombares soturnos de canhão, com estampidos medonhos de fuzilaria, batendo a costa, minando os rochedos, desgastando as anfratuosidades no seu trabalho lento e constante de lapidario dos seculos. Saltaram-na pensamentos tristes, pavões noturnos, sempre na espera ansiosa da madrugada que enlivedecida espreitava pelas frinchas das portadas da janela. Só então socegava, quando as sombras da lamparina começavam d'saparecendo, dilu das pela luz indecisa e frouxa da manhã que rompia. E quando a dona da casa lhe entrava pelo quarto com mil cautelas, abrindo-lhe a janela, a mascara extenuada d'uma noite em claro, alagada em suor, enfraquecida pela febre, iluminava-se-lhe d'alegria, alumada pelos olhos d'um azul liquido, que encovados reluziam d'uma luz extranha, como se toda a ardencia do espirito ali se tivesse refugiado.

«—Good morning, lady.»

E ficava olhando os esquadros das nuvens, n'uma cavalgada fantastica de monstros, pelo céu pesado e plumbeo, onde um sol pallido e amêmico, vinha de vez em quando espreitar por uma aberta. Lembravam-lhe os dias nevoentos da Escocia, quando a agua gela nos lagos e as arvores se vestem de branco como as noivas. Evocava o mez do Natal, em que os campos se amortalhavam na alvura deslumbrante dos leucões de gelo, e pelo ar n'um ruido levissimo de seda, a neve vae caíndo em flocos brancos, brancos, brancos, como se milhões de pombas pequeninas descessem do céu a cobrir a terra n'uma revoadada azas brancas. Noites tranquilas na modestia confortavel do seu cottage, contando aos irmãos pequenos historias de barões violentos, de heroes nacionais, fazendo-lhes dilatar as pupilas avidas com a leida tenebrosa de Machbeth atravessando as noites de tempestade como um vendaval d'extermínio, ao som ribombante dos trovões, alumando o seu sequito assassino d'homens d'armas pelo fuzilar fosforescente dos relampagos. Nas clareiras das florestas, nos subterraneos sinistros

das cavernas, a horas mortas, á luz de archotes sanguineos concertavam entre si planos d'assassinio, e já o ultimo *hylander* fôra enforcado cantando na agonia as arias saudosas da montanha querida. N'um cortejo de lutos, de ch'ões, de lagrimas, de desesperos, essa figura de drama flagelo da historia da Escocia, atravessava os campos e as cidades, as aldeias e as vilas, atapeitando tudo de sangue como a fimbria do manto roçagante, cuja purpura tinha a cor das chamas do inferno. Via-se nas manhãs calmas dos domingos, ouvindo lér a Biblia ao pastor n'uma voz grave e gutural, enquanto lá fôra soavam as gargalhadas dos «babys», frescas como o garrular de passaros em liberdade, atirando bolas de neve uns aos outros, os mais pequenos com as caritas rosadas emquadradas em bonets de peles, estatelando-se alegres pelo gelo.

Tudo isso lhe lembrava agora que o Natal se aproximava n'essa terra de Portugal, em que o céu era d'um azul-puro ao desespero e a luz tinha tonalidades claras que a feriam nos dias luminosos d'inverno, alumadas as noites por um luar d'opala que desenhava toda a costa em pormenorizações nitidas de recortes, até á confusão dos contornos perdidos na nevoa diluida das distancias.

Na manhã de 24 o correio trouxe uma encomenda. Era uma caixinha pequena, lacrada, com os circulos negros dos carimbos abrindo-se como orbitas espantadas sem pupilas. Fôram-lh'a levar. Quando entraram no quarto, viram-na sentada na cama, e os olhos d'um brilho metalico de aço. As mãos d'scarnadas, inertes, sem força, estendiam-se ao longo do corpo abandonadas.

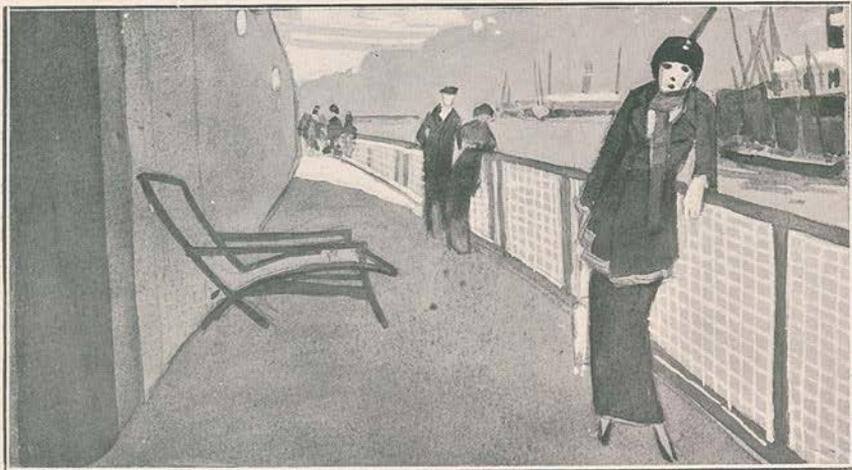
«—Good morning lady! Merry Christmas!»

Pediu que lhe abrissem a janela, sentia-se melhor, muito melhor, só o que tinha era muito calor. A respiração debil como a d'uma creança mal lhe soerguia o corpo corcovado e ossudo. Quiz ver o que lhe mandavam. Sob algodão, cuidadosamente acondicionada, vinha o tradicional *mistletoe* que mão amiga lhe mandava como o perfume do Natal inglez.

Levou a flôr aos labios, os olhos vaguearam n'uma ancia, n'um murmuro ainda lhe ouviram: «—Merry Christmas! Happy Christm.»

Pendeu-lhe a cabeça sobre o peito, o cabelo loiro empastado na testa de marfim polido pelo ultimo suor, a mão agarrando a flôr, simbolo de tudo para que fôra o ultimo pensamento.

PIRES DE LIMA.



# FIGURAS E FACTOS

Vae començar a funcionar em Lisboa a Faculdade de Direito tendo sido nomeados lentes, após a apresentação das suas dis-



sertações notáveis os srs. drs. Fernando Emídio da Silva, Barbosa de Magalhães, Vieira da Rocha e Abranches Ferrão.

Os novos lentes da Universidade de Lisboa  
1. Sr. dr. Antonio Abranches Ferrão.—2. Sr. dr. Albino Vieira da Rocha.  
3. Sr. dr. Fernando Emídio da Silva.—4. Sr. dr. Barbosa de Magalhães.



5. O Sr. Augusto Forte Gato, poeta distinto, falecido em Lisboa.—6. O sr. dr. Mauperrin Santos, illustre professor e director da Escola Academica, lente do Instituto Superior de Comercio, falecido em Lisboa.—7. Sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Branco, mãe do importante industrial sr. Artur da Cruz Alagôa, falecida em 11 de dezembro.—8. Capitão de fragata sr. Artur José dos Reis, falecido em Lisboa.—9. General sr. José Roque Gameiro, irmão do sr. Justino Guedes, director da «Editora» e do illustre aguarelista Roque Gameiro, falecido em Lisboa.—10. Sr. Eduardo Berenguer, falecido em Lisboa.



Um aspecto da exposição de labores promovida pelo *Suplemento do Seculo de Modas e Bordados*—(Cliché de Benollel)

Mais um exito para o «Suplemento do Seculo de Modas e Bordados» foi a exposição que se inaugurou ha dias na rua Ivens 31 e que

á semelhança das anteriores, atraíu um distincto, seletto e entusiastico publico feminino que admirou os bellissimos trabalhos expostos.



1. A obra prima de Leonardo de Vinci, *Gioconda*, viu desfilár durante o primeiro dia em que foi exposta em Florença mais de trinta mil pessoas. Os dois anos em que esteve oculta a obra imortal tornaram-na mais querida. Como se sabe, um ladrão audacioso roubara-a do museu e levara-a para Ita-



lia onde ao fim de todo este tempo a ofereceu ao antiquario Geri que deu parte á policia, sendo Perugia preso alegando enão ter feito o roubo por patriotismo, pois a *Gioconda* fóra levada da sua patria para França quando das invasões napoleonicas.



1. Leonardo de Vinci, autor do celebre quadro *Gioconda*.—2. *Gioconda*, o belo quadro roubado do Louvre.—3. Vicente Perugia, o individuo que roubou o quadro do Louvre.



O sr. dr. Enrique Mario de Arribas y Turull é formado em direito, filosofia e letras e um dos grandes amigos com que Portugal conta no paiz visinho.

O sr. Enrique Maria Arribas e Turull que realisoou em Madrid uma conferencia sobre Cristovão Colombo e que tenclona vir a Lisboa tratar a mesma figura historica



Um dos magistrados judiciais mais novos é o sr. dr. José Maria de Magalhães Pinto Ribeiro, que tendo concluido a formatura na faculdade de direito aos 21 anos, e exercido o cargo de delegado na ilha das Flores, Tavira, Barcelos e Vizeu acaba de ser promovido a juiz de direito.

Sr. dr. José Maria Magalhães Pinto Ribeiro, novo juiz de direito

Uma das mais romanticas vidas é das «ecuyères» que atravessam os circos da Europa e d'America en re aplausos e cercadas d'admiradores, fazendo os seus perigosos exercicios com os seus cavalos admiravelmente adextrados. Até agora nenhuma portugueza tentara essa existencia em que a popularidade compensa muitas amarguras. Quiz experimental a a nossa compatriota Egidia d'Oliveira, filha da atriz Isabel d'Oliveira e irmã da atriz Auzenda e estrejou-se no Coliseu com grande exito



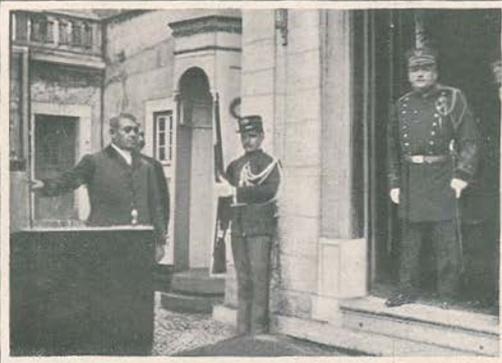
fazendo o seu cavalo executar trabalhos d'alta escola. A nova «ecuyère» esteve tambem algum tempo no teatro, chegando a fazer pequenos papeis, depois tornou-se discipula do distinto professor d'equitação sr. Antonio Correia, que fez d'ela uma interessante e arrojada amazona que se decidiu ao cabo d'algum tempo a seguir a profissão que brilhantemente iniciou ha dias deante d'um numeroso e estusiastico publico.

A nova «ecuyère» portugueza Egidia d'Oliveira que se estrejou com grande successo no Coliseu.—(Clichés Benollet)



No medalhão, Abel Santos. — 1. e 3. Trabalhos do distinto pintor sr. Abel Santos na sua exposição do Picadilly (no Chlado), que tem sido extraordinariamente concorrida, sendo adquiridas muitas telas do estimado discípulo de Carlos Reis.

O novo ministro da America em Lisboa, sr. Thomas Blitch, é um distinto militar e um habil diplomata amigo de Wilson de quem foi ajudante de campo durante o seu governo de New Jersey. Foi elle quem dirigiu os delegados partidarios



de Wilson na convenção de Baltimore e pertenceu ao directorio do partido democratico nacional que tão poderosamente contribuiu para a eleição do actual presidente dos Estados Unidos da America.

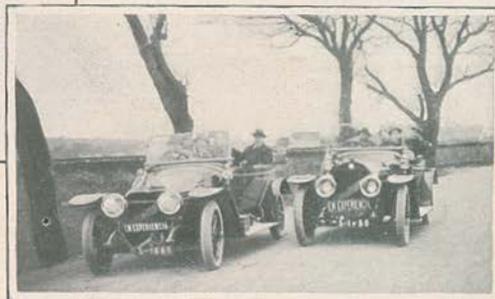
O novo ministro dos Estados Unidos em Lisboa, á saída do Palacio de Belem, depois de apresentar as suas credenciaes



No caminho de Cintra para Lisboa

Os srs. A Black & C.<sup>a</sup> fizeram ha dias a experiencia d'uma nova marca d'automoveis de que são representantes em Portugal e pertence á casa franceza Cottin & Dergouttes tendo convidado para elas alguns *sprismens* represen-

tantes da imprensa. O passeio foi até Mafra caminhando os carros em estradas normaes e sem serem lançados, 100 kilometros á hora.



Na estrada da Ericeira a Cintra—(Cliché Benollel.)

# NATAL

Natal frio. O vento sopra  
Desordenado,  
A agua ge a nos pòcos,  
E o nevoeiro cerrado  
Cega a vista e emperra os òssos.

O mar esfarrapa as ondas  
Nas penedias,  
As fajas levam acóltes;  
Noites rudes como os dias,  
Dias negros como as noites.

Pelas gargantas das serras  
Encarquilhadas,  
Tragand' muros, lavouras,  
Gados, troncos, as levadas  
Despenham-se ameaçadoras.

Mez de dezembro: horas brancas,  
Horas de neve,  
As plantas têm arreplos  
E o orvalho, muito ao de leve,  
Chora dos ramos esgulos.

Na egreja dá meia-noite,  
Repica o sino...  
Depois da missa do galo,  
Beija-se o pé ao menino,  
E o povo corre a beijal-o.

O altar flameja entre flôres:  
Junto ao berçinho,  
Sorrindo à gente que passa,  
Lá está guardando o seu ninho,  
A virgem cheia de graça.

Toca o órgão: que ternura  
Nos olhos d'ela,  
Vendo o filhinho deltado  
Dentro da sua capela,  
Gordinho, branco, rosado.

Pobres e ricos do mundo,  
Todos lá vão,  
Levar-lhe velas e flôres:  
Caem, fazendo oração,  
De Joelhos os pastores.

Na rua, meu Deus, que frio  
E que negrume!  
Mas nos casebres da aldela,  
Se ha frio, que lindo lume,  
Se ha fome, que bóa cela!

Creanças, de porta em porta,  
Sob as gotelras,  
Geladas,—que desatino!—  
Andam cantando as Janeiras,  
Em louvor do Deus menino.

«Lá vae, lá vae, raparigas,  
Já mal pod'as  
Cantar, rouquinhas as vozes,  
Repletos os saquites,  
De frutas, passas e nozes!»

Corre que Nossa Senhora  
Desce do altar  
E vae em sonhos doirados,  
Dar o menino a beijar  
Aos presos e aos entrevados.

Leva-o nas dobras do manto,  
Chegado ao peito,  
Por causa do temporal,  
Com todo o amor, todo o gelto  
D'um coração maternal.

Mas como a voz d'um profeta,  
O vento norie,  
Por onde quer que ele passa,  
Entoa pragas de morte  
E lamentos de desgraça.

E a Virgem sente aflitivos  
Presentimentos,  
E escuta vozes azingas,  
A d'ela d'esses lamentos,  
E as dos bideu n'essas pragas.

STUART



Conde de Monsaraz.

## Abertura do parlamento italiano e a nova camara dos deputados

A cerimonia da abertura das cortes realisou-se, em Roma, com desusada solemnidade. O facto revestiu d'esta vez excecional importancia, porque a nova camara saiu da applicação do «sufragio universal alargado» e deu a victoria a muitos deputados da «extrema esquerda».

O rei Vitor Manuel III, como é praxe constitucional, leu o classico «discurso da corôa» da responsabilidade de Giolitti, o seu presidente de conselho. E—circumstancia deveras inesperada—o «discurso da corôa» conseguiu, pelas suas afirmações democraticas, contentar ou, pelo menos, não irritar os proprios «socialistas revolucionarios!» Giolitti provou assim a sua habilidade politica e o seu profundo conhecimento das necessidades do paiz.

A camara actual conta cerca de cem deputados «avançadissimos», na maioria com ideias republicanas e setenta «radicaes», cujas opiniões, rasgadamente liberaes, são uma garantia de que o governo de Giolitti continuará a inclinar-se para a «esquerda», proseguindo corajosamente nas suas reformas democraticas. A lei eleitoral



O palacio do Quirinal onde habita Vitor Manuel III e onde se formou o cortejo regio

de Giolitti chamou á vida politica da nação cerca de 5.000.000 de individuos, pois concedeu o voto aos analfabetos. Convem dizer n'esta altura, que os analfabetos com grande surpresa dos «conservadores-clericaes», se pronunçiam em muitos circulos pelos candidatos so



A escolta do cortejo real em marcha



O cortejo real atravessando as ruas de Roma entre as tropas da guarnição

cialistas, como, por exemplo, sucedeu na Sicilia.

Os jornaes disseram que o rei Vitor Manuel leu bastante comovido o discurso da corôa.

Não admira. A Italia, depois da conquista da Libia, entrou francamente no concerto das grandes potencias e o simpatico chefe do Estado, ao aludir a tal acontecimento, que tantos sacrificios impôz ao exercito e á marinha, por certo se havia de impressionar...

Como resulta das gravuras que a tal respeito insere a «Ilustração Portuguesa», a cerimonia da abertura das côrtes em Italia é identica á que entre nós se realisava no tempo da monarchia.

Vitor Manuel III, acompanhado de sua augusta esposa e dos principes, seguido do pessoal da côrte e mais dignitarios, dirigiu-se, em carruagem de gala e escoltado por um esquadrão de lanceiros, para o palacio Madama, onde aguardavam o cortejo real,

á porta, o ministerio, as altas personalidades politicas, deputações das duas casas do parlamento, etc.

As «tribunas reservadas» achavam-se apinhadas de damas da aristocracia e o corpo diplomatico encontrava-se «au complet». As senhoras dos deputados, em «toilettes» elegantissimas, tambem se notavam em grande numero, mostrando-se anciosas de gosar, em todos os seus detalhes pro-

colares, a tradicional cerimonia. Os olhos das illustres damas convergiam, naturalmente, para a Rainha que sorria brandamente...

A cerimonia do juramento dos deputados decorreu sem incidente, monotona, até



O rei descendo da carruagem de gala á porta do palacio Madama onde se realçou a sessão.

que a chamada incidiu sobre os nomes de Bissolati, chefe dos «socialistas reformistas» e de Ferri, o grande jurisconsulto que igualmente professa ideias socialistas. Ambos pronunciam a classica formula do juramento sem hesitação, o que depois foi objeto de criticas nos jornaes.

As tropas, em uniforme de «grande gala», estendiam-se ao longo das ruas do trajeto, desde o palacio do Quirinal até á praça Madama, apenas debandando quando terminou a cerimonia, sempre marchando ao som do hino real nacional e acompanhadas por enormes massas de populares, que, de quando em quando as ovacionavam com entusiasmo.

E assim se inaugurou em Italia a XXIV legislatura, cujos trabalhos se anunciam cheios de dificuldades, pois incumbe á nova camara completar a «empresa da Libia» e crear fontes de receita suficientes para cobrirem as vigentes despesas militares que ela provocou. O «discurso da corôa» lá o disse francamente... e com patriotismo.



A Primeira sessão da nova Camara dos deputados, vendo-se Giollitti presidente do conselho, de pé, consultando alguns apontamentos.

# FIGURAS E FACTOS



O «foot-ball» é um contágio e a prova está no menino Diogo Rego Chaves, filho do capitão de engenharia sr. Rego Chaves, que, tendo completado ha dias dois, anos já tenta ensaiar as suas aptidões para esse desporto. Vendo os soldados jogar na parada da escola de Torpedos, onde seu pae faz serviço, o pequenito imita-os sendo o mais minusculo dos «foot-ballers» portuguezes. Quem sabe se não se tornará um dia n'um verdadeiro campeão?!

Um «foot-ballers» de 2 anos: 1. A bola e o jogador.—2. No campo.—3. Um grande esforço.—4. No jogo.—5. Um pontapé forte.



O director da Companhia d'Iluminação e tração d'Ovar, lendo o auto da Inauguração, um minuto depois da ligação da corrente ás 8 horas e 5, deante da Grande assistência. 1, sr. dr. Alberto Tavares administrador da vila, 2, sr. Lopes do Cadaval, o maior acionista da Companhia, 3, sr. dr. Alberto David, delegado, 4, sr. Teixeira de Queiroz, juiz da comarca, que, com o sr. dr. Pedro Chaves, presidente da Camara, ligaram os interruptores, 5, sr. Schorter, um dos engenheiros da instalação electrica.—(Cliché do sr. Ricardo Ribeiro d'Ovar.)



No pátio da Penitenciária: O sr. ministro da justiça com sir James Szlumper dr. Forbes Lisle que tinham solicitado licença para visitar a prisão.—(Ulrich Benoit)



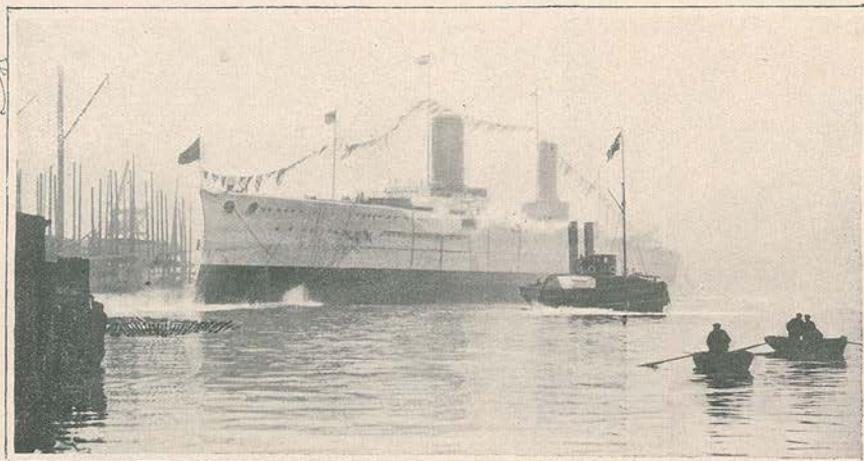
A primeira classificação no concurso para a moeda d'ouro de 10 escudos da Republica coube ao distinto



O sr. João Silva, autor do projeto da nova moeda d'ouro.



artista sr. João Silva, cuja obra anterior o afirmou como o nosso mais distinto medalhista.



1. e 2. Verso e averso da nova moeda d'ouro.—3. O lançamento ao mar do «dreadnought» Rio de Janeiro em Inglaterra e que foi vendido pelo governo brasileiro à Italia.

Noites d'amor e Pela minha terra são duas inspiradas composições musicais que veem revelar o talento do sr. Cosia Pinheiro quintanista de direito que d'uma forma brilhante se afirmou n'esses trabalhos onçe fixou sempre a melodia popular doce e expressiva.



Sr. Costa Pinheiro, distinto compositor musical.



Maestro David de Souza.

O maestro David de Souza, cujos concertos no Politeama estão fazendo verdadeiros sucessos, conquistou rapidamente o seu lugar entre os musicos nacionaes o que demonstra as brilhantes qualidades do seu talento e a sua larga educação artistica.



3. Em Inhambane o 1.º «team» de «foot-ball» do Sport Club; sentados srs. Gonçalves, Souza, Generoso, Vitorino Garcez e L. Pinto. De pé: sr. J. Santos, E. Pimenta, J. Miguel, J. Rodrigues, A. Carlos.—4. Uma cena da comedia *Por causa d'um clarinete*, que subiu à cena no Sport Club de Inhambane.



O sport tem-se desenvolvido imenso em Inhambane graças á pertinaz propaganda feita pelo club ali existente e ao qual pertencem as mais abastadas familias da cidade que lhe dão o seu auxilio.

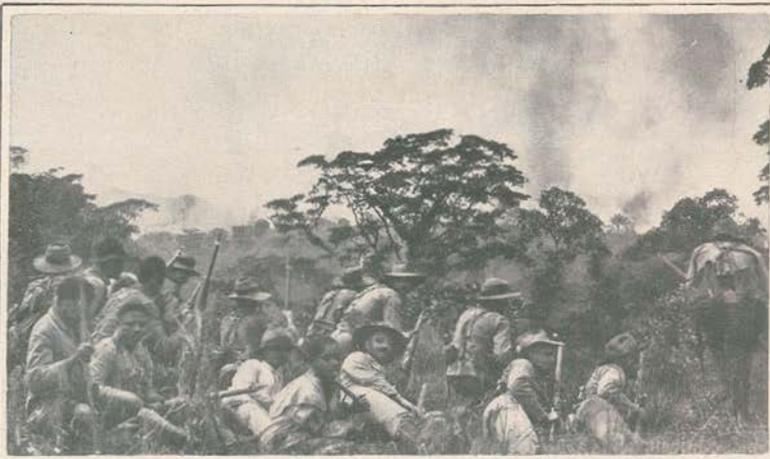


7—Outras construções novas em Bissau. (Clichés do distinto fotografador amador sr. Raimundo Pontes)

5. Aspêto das festas em Bissau por ocasião do aniversario da Republica.—6. As novas construções de Bijagós.

As festas da Republica em Bissau, que tanto brilhantismo revestiram, foram promovidas pelas direcções do Centro Escolar Republicano e Liga Guinesense de Bissau que bastos esforços fizeram mas um grande exito conseguiram.

## As operações dos Dembos



O forte de S. Antonio de Caculo Cahenda foi estabelecido em 1909 por David J. G. Magno, em pleno coração dos Dembos, e é um belo padrão de ocupação e digna séde da capitania-mór. Porém, dispondo de uma guarnição relativamente diminuta, obrigava os comandantes a manterem com o gentio relações mais diplomaticas do que autoritarias.

Ultimamente, o poderoso Dembo, sacudindo a juba, fez ir ali uma columna de 150 europeus e 150 indigenas, para restabelecer as communicações.

A' vista da columna os sobas divorciaram-se do Dembo e deixaram de se aproveitar das suas trincheiras ao longo dos caminhos, atravez das matas. Sómente o soba do Quingóla em 3, 4 e 5 d'agosto se expéz, retirando com baixas. As nossas tropas, suportando de animo alegre todas as fadigas, destruíram o poder do *Maior dos Dembos*. As nossas fotografias consistuem um pouco de documentação historica d'essas operações.



1. Os soldados protegendo o incendio da grande sanzala de Quimbundo.—2. O forte de Caculo Cahenda.



O capitão d'artilheria sr. Carlos da Maia Pinto, comandante da columna, com o seu ajudante tenente sr. Magno, no acampamento

Das medidas radicacoes do governador, proibindo as armas e a polvorá ao gentio e assegurando a posição de Caculo Cahenda com tropas e com o telegrafo, resultá totalmente a proxima submissão com-

pleta dos Dembos, nunca conquistados nem batidos desde 1872, e que tantos sacrificios de vidas e de dinheiro tem custado desde 1907.

# OS CENSOS DE LISBOA

A Lisboa murada de 1147 e a circunvalada de 1864!... A Lisboa d'essas duas épocas e a de hoje!... Que grande diferença de população e que pasmosa diferença de áreas!

O que *ficialmente* era cidade em 1147 ficava ainda aquém de meio quilometro quadrado; em 1864 passava de 12 quilometros e desde 1903 passa de 87 quilometros! Na primeira d'estas épocas calculavam-se por alto á cidade 30:000 habitantes; na segunda, a estatística, já com fo



Em 1864 a circunvalação da cidade limitava-lhe uma área de 12 quilometros quadrados e 24 hectares, ou seja 30 vezes maior do que a murada em 1147.

ros de coisa séria, arrolava-lhe 163:763 e em 1911, quer dizer, agora, a estatística clara rigorosa e eloquente nas suas comparações e conclusões, como



Em 1147, quando Lisboa foi tomada aos mouros, a muralha de defesa da cidade não chegava a abranger meio quilometro quadrado.

todas as que está fazendo a respeitva repartição, sob a direção inteligente e conscienciosa de Agostinho Franco, fixa então a população de Lisboa em 435.359 habitantes.

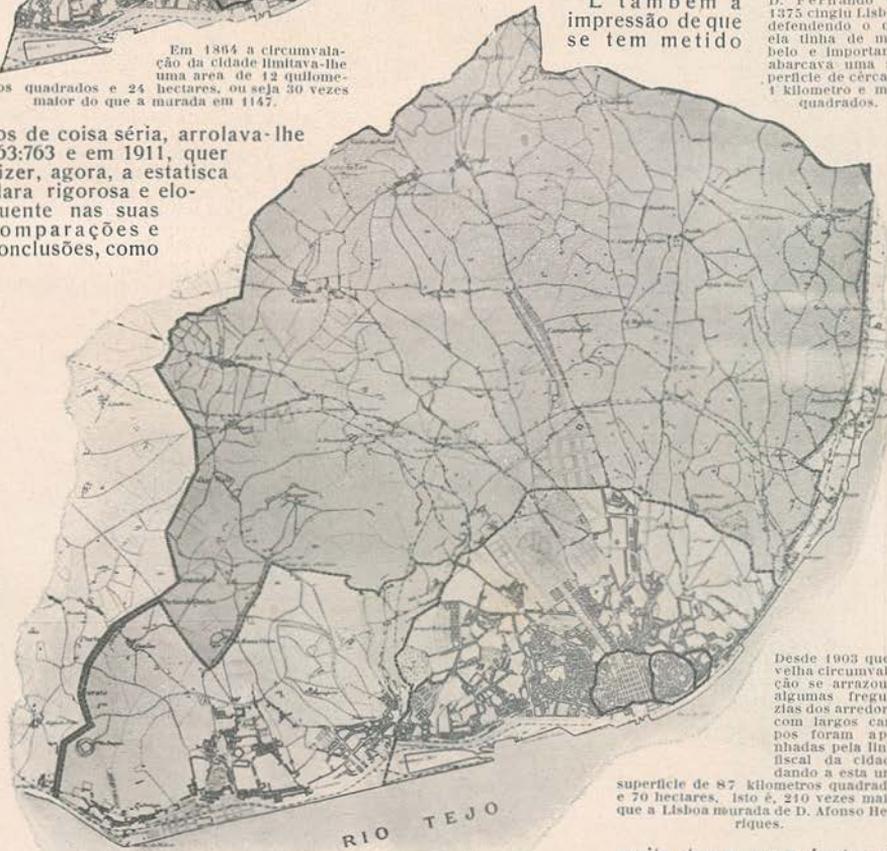
Em 1864, ao passo que a população era quasi 5 vezes e meia maior do que a de 1147, a área correspondente era cêrca de 30 vezes maior; na população de 1911 cabe a de 1147 umas 14 vezes e meia, ao passo que na sua área, ou seja a área actual da cidade, cabe a da primitiva Lisboa 210 vezes!

Quizemos, logo de entrada, dar a impressão de que Lisboa, se não fosse o quasi incrível salto que dá de 1864 para cá, isto é, se em 47 anos não aumenta 271.596 habitantes sobre os 163.763, a que conseguiu chegar em 7 seculos, não se podia gloriar muito de ser em tudo a capital de um paiz de tão invejada fama de prolifico.

E também a impressão de que se tem metido



A muralha com que D. Fernando em 1375 cingiu Lisboa, defendendo o que ella tinha de mais bello e importante, abarcava uma superficie de cêrca de 1 kilometro e meio quadrados.



RIO TEJO

Desde 1903 que a velha circunvalação se arrazou e algumas freguezias dos arredores com largos campos foram apañhadas pela linha fiscal da cidade, dando a esta uma superficie de 87 kilometros quadrados e 70 hectares, isto é, 210 vezes maior que a Lisboa murada de D. Afonso Henriques.

muita terra para dentro da cidade, sobretudo terra. A



Lisboa em 1147, ano em que os portugueses a tornaram aos mouros, acolheu-se ali ainda a muros do castelo de S. Jorge, que a defendia, e, segundo os melhores cálculos, tinha cerca de 30.000 habitantes numa área pequenissima.



Em 1300, isto é, 153 anos depois, em pleno reinado de D. Diniz, o Lavrador, graças sobretudo à boa administração d'este rei e do seu pai, Lisboa já tinha atravessado o vale do Rocio e galgado a encosta para o lado dos Martires, contando 50.000 habitantes.



Passados 75 anos, o rei D. Fernando, que não fora mau administrador, tinha grande amor por Lisboa e tratou de a defender melhor, lançando-lhe em 1375 no 2ª muralha com 33 torres e postigos, havendo dentro e fora 60.000 habitantes.



densidade da população de Lisboa é, pelo ultimo censo, de 4,904 habitantes por quilo metro quadrado; em 1864 era de 15.314 e em 1147 era de 30.000 por meio de quilo metro quadrado! Isto hoje é que se chama vi-

ver á larga. Mas não cuidem que, quando Lisboa foi tomada aos mouros pelos portugueses de Afonso Henriques com o auxilio dos cruzados, aquelas 30.000 almas se espremiavam dentro da cerca, ou muralha da cidade, que começava na muralha do Castelo, descia por S. Crispim, Sé e Rua das Canastras até á Rua dos Confeitheiros, depois seguia á beira do rio até S. Pedro d'Alfama, d'ali subia pela Adiça até Santa Luzia e juntava-se outra vez ao Castelo, perto do pateo de F. Fradique. Não; o arabe, agricultor por excelencia, não se continha lá dentro, de braços cruzados, a olhar para os outeiros e vales fecundissimos que se estendiam a oeste e noroeste da cidade. Sem duvida que do Castelo por Alfama abaixo formigava muita alma humana, ansiosa de expansão; mas fóra da cerca tambem não havia poucas, disseminadas por belas almuinhas, hortas e olivedos, com casas de habitação mais ou menos confortáveis.

A muralha determinava a parte defendida da cidade, e não a cidade toda, que continuou a desenvolver-se, depois da conquista, e de uma maneira notavel, não tanto com os governos dos quatros primeiros reis, que nunca pa aram n'ela, nem a quiseram para córte, mas principalmente com o de Afonso III, primeiro rei que a escolheu para sua residencia, e com o de seu filho o Rei Lavrador, primeiro monarca portuguez que nasceu em Lisboa. A cidade não era em 1147 o que os seus velhos muros lhe marcavam para efeito da defeza militar, como tambem não é hoje o que a circumvalação lhe marca para o efeito dos impostos indiretos. N'aquelle tempo não se circumcrevia a uma pequena cerca; saltava-a e metia-se pelas terras; desde 1903 foram as terras que se meteram pela cidade.

Os 30.000 habitantes da Lisboa



Só 205 anos depois, em 1580, Mezes antes de se dar o pavoroso terremoto de lá-se a terrível catastrophe de 1755, que, segundo que torna a aparecer novo 1755, ou sejam 175 anos decorridos desde 1580, do o calculo mais provavel, custou a vida a calculo que dá a Lisboa 100.000 habitantes, avulso 40.000 pessoas, e quando em 1757 Lisboa, mal habitantes e n'este numero reunido n'este numero muitos estrangeiros, que reflecta do abalo e pranteando ainda sobre as ruínas, vindo ao engodo do diabo do Brazilius, avarava o numero de sobre viventes, tem as muitas vidas que nos lousocamente dissipado por D. João V, e muitos encontron-se com 122.700, ou sejam 35.700 me- levaram n'esse periodo as guer- operarias que trabalhavam na Agua Livre, nas nos numero já atenuado eia gente que vinha reas, as expedientes murtinas e igrejas, e nos conventos, sendo o numero de de fóra para a reedificação da cidade, irades e freiras ainda superior ao dos operarios

de 1147 estavam em 50.000 no ano de 1300. Quer dizer: em 153 anos a população aumentava na razão de 4,33 por mil e por ano. E' consideravel, se atendermos ás lutas que tivemos ainda de sustentar com os mouros, quer no nosso territorio, quer no dos nossos visinhos e a seu lado.

E este aumento continuou n'uma razão quasi constante até D. Fernando, que, apesar do seu pouco sizo e inconstancia, amou Lisboa com ciuime. Em 1300, quando D. Diniz tinha 21 anos de reinado, a cidade atravessára já o grande vale que do Rocio se estende ao Tejo, trepara a encosta conhecida pelo arrabalde da Pedreira e avisinhavase da igreja dos Martires.

D. Fernando preocupou-se deveras com a defesa da cidade, cuja parte mais importante, mais rica e mais bela estava, fóra dos velhos muros, sujeita a ser devastada impunemente por qualquer invasão. Resolveu cingil-a toda de novos muros, mas esse trabalho só se executou depois do cerco que lhe pôz D. Henrique de Castela em 1372, causando-lhe um destroço incalculavel. Em 1375 estava murada a parte mais rica da cidade, e a sua população, intra e extra muro, era de 68.000 hectares. Durante 75 anos aumentara, pois, na razão de 4,8 por mil. A nova área abrangia a antiga, ia pela Mouraria, Rua da Palma, Arco da Graça, Calçada de Sant'Ana, Largo de Camões, Calçada do Duque, Largo e Rua de S. Roque, descia com mais ou menos variantes ao Cata que fardas, cuja travessa desapareceu ha poucos anos sobre o nome de Travessa do Alecrim, e voltava pela beira do rio até ao postigo da Polvora, onde está hoje a Fundação, depois subia o Paraiso, passava por S. Vicente e um pouco afastada do Convento da Gra-

ça, indo fechar no velho muro do castelo. Foi a nova muralha que valeu a Lisboa em 1384, por ocasião do cerco apertadissimo que lhe poz D. João I de Castela. Mas não havia maneira de segurar-a dentro dos muros. A cidade continuou a alargar-se, desaparecendo as terras de amanho e os pomares soba casaria. Em 1580 Lisboa contava 100.000 habitantes, resultando uma differença de 32.000 sobre o computo feito 205

As ruínas desapareceram em breve sob umaPelo censo de 1890 Lisboa contava 400.000 habitantes, ou sejam mais de 100.000 habitantes, ocupando milhares de operarios e m- ediletes, graças ao governo do Marquez de 137.443 do que 26 anos antes, au- do muitas familias de fóra, Multidicaram-se Pombal, que deu tambem á sua industria e aumento consideravel que se deve emos estabelecimentos fabric e commerciaes, au- seu comercio um poderoso impulso que ainda grande parte a terem passado as pilco o movimento do novo porto, estreita- durou muito depois da sua morte. Mais tarde a portas de Alcantara para Alga em ram-se com o estrangeiro toda a especie de abertura das grandes estradas e das primeiras 1867, e a abertura das grandes ave- retações que se reflectem muito nos nossos filhas terras trouxeram grande aumento a las- nidas que começou pela da Liber- progressos materiaes e intellectuaes, dando o censo de 1911 a Lisboa 435.350 habitantes, dade.

Rebello

anos antes, isto é, em 1375, o que equivale a uma infima percentagem anual de 1,56 por mil.

Foi n'esses 205 anos que Lisboa teve uma vida mais agitada, mais incerta, mais aventureira, mais cortada de lutas, arrojadas, de provações cruéis.

Conflitos dinásticos com o paiz visinho; as expedições á Africa, algumas d'elas verdadeiras aventuras de doidos como as de Tanger e Alcacer Kibir, dois infames açougueiros de portuguezes; trabalhos e mortificantes descobrimentos de novas terras e novos mares; a implantação da fé e da civilização a ferro e fogo na Africa e na Asia; a manança selvagem dos cristãos novos, vítimas indefesas da educação fradesca e fanatica do nosso povo; a expulsão dos judeus, o melhor, senão o unico nervo do trabalho produtivo n'aquella epoca; a inquisição, com as suas torturas de toda a casta, no fundo dos carceres, de que ninguém mais saia, com as suas excomunhões, com as suas fogueiras; — todos esses factores de exterminio não puderam ser atenuados pela ação reparadora de algumas intermitências de tranquilidade e de trabalho.

E, ainda por cima, a peste, que repetidas vezes assolou Lisboa, assumindo em alguns anos proporções medonhas, como em 1569-1570 a peste grande, de que Frei Claudio de Oliveira, embora com visível exagero escreve:

Houve dias que caam em Lisboa mortas 500 e 600 pessoas; abriam covas grandes em que se lançavam 30 e 40 cadaveres e por não haver homens sãoz bastantes que enterrassem tantos defuntos, sollaram os criminosos das galés e lhes comitaram o tempo de castigo no serviço de enterrarem os mortos.

Vamos aqui explicar que os tres primeiros calculos da população de Lisboa foram joierados de varios elementos colhidos por João C. Feio, talvez o nosso primeiro pesquisador de coisas velhas; mas o de 1580 foi arquetetado sobre o que diziam *conspicuos* cronistas do tempo, que curaram por informações. Embora o registo parochial fosse creado em 1545 no concilio de Trento, ainda nos principios do seculo XVII não estava sofrivelmente organizado para se poder fazer um censo. Para amostra curiosa de como se fazia a estatística, abramos o *Sumario* (1551) de Cristovão Rodrigues de Oliveira, guarda roupa do arcebispo de Lisboa, que o encarregou d'esse trabalho.

Diz o Oliveira: «Além da Côte, havia na cidade 18.000 visinhos, 100.000 almas e 9.950 escravos.»

Explicado que *visinhos* quer dizer *fogos*, nem o homem se atreveu a meter a cõrte na *estatística*, naturalmente para não a misturar ou enxovalhar com o conto do burguesismo, nem tão pouco admitiu os escravos como almas! Querem mais irrisoria amostra de como se fazia o censo e mais dolorosa idéa dos sentimentos que os representantes da igreja nutriam a respeito d'esses pobres parias, que se vendiam, azorragavam e matavam até, como simples animaes negando-se-lhes, por fim, a propria qualidade de racionais!

Nada se sabe do certo da população de Lisboa durante os 60 anos da dominação filipina. De 7 trabalhos que consultamos não ha dois que se aproximem sequer. D.

Francisco Herrera e Maldonado chega a dar-lhe em 1620 nada menos de que 115.000 fogos, perante os quaes chegam a ser uma vergonha para nós, lisboetas do seculo XX, os 93.184 que lhe dá no censo de 1911 a direcção geral da estatística; e o Severim de Faria afirma que Lisboa em 1722 era a maior cidade da Europa! O mais aceitavel, porém, é que ela tivesse 111.000 habitantes em 1620, conforme calcula Frei Nicolau de Oliveira.

E foi por esta epoca que os Filipes começaram a preocupar-se com o peso que poderia ter Lisboa em qualquer movimento de revolta contra o seu despotismo. A pretexto de expedições ás colonias e de varias mobilizações militares, enfraqueceram muito a população da cidade, recrutando n'ela soldados e marinheiros.

Chegados a 1755, nas vesperas do terramoto, encontramos a cidade com 158.400 habitantes. E' bem conhecida de todos a historia d'esse cataclismo para nos escusar de a repetir aqui. O grafico da população da cidade desceu brutalmente. O numero dos mortos varia, segundo a presunção de cada escritor, desde 15.000 até 70.000, detendo-se os mais cautelosos em 40.000. E tinham razão, porque o censo feito em 1757 dava para a cidade 122.700 habitantes.

De 1757 a 1864 a cidade transformou-se profundamente. Ha males que vem por bens. Se Lisboa não passa por aquella tremenda provação, ainda hoje talvez teriamos a Baixa com as ruas estreitissimas e mal segura sobre as lamas que o Tejo em epocas recuadas acarretara até á Avenida. A obra do Marquez de Pombal e mais tarde as grandes estradas e as vias ferreas, ligando Lisboa com

o resto do paiz, ajudavam a elevar a sua população n'aquello ano a 163.763 habitantes. Em 1890, 26 anos depois, contava a capital 301.205, isto é, 137.443 mais, o que se explica por as portas d'Alcantara terem passado para Algés, pelos novos arruamentos da cidade, obras do Porto de Lisboa, construção do tunel do Rocio, etc. que atraíram tanta gente a Lisboa. A estatística de 1911 dá-lhe 435.359 habitantes, devido tambem ao consideravel alargamento que a sua área sofreu em 1903, ás muitas fabricas e estabelecimentos commerciaes, e a uma constante entrada dos que aqui vem procurar trabalho ou uma residencia agradável, seduzidos pelo seu belo clima.

E, francamente, o elemento de fóra é que desde o fim do seculo XIV avoluma ou diminua a população de Lisboa n'uma especie de fluxo e refluxo oceanico. Já a muralha de D. Fernando fóra arrasada para deixar entrar os estranhos. E, se o censo de 1911 dá efetivamente 435.359 habitantes, fiquem sabendo que mais de metade, 231.638, não nasceram cá dentro; nasceram por esse paiz além, á exceção de 16.239, que são estrangeiros.

Lembra-nos a sentida lamentação de Herculano: «Cidade donzela e pura do seculo XIV, porque rasgaste o teu veu de innocencia? Porque quebraste o cinto que te dera o rei que tanto te amou?...



O escudo da cidade de Lisboa

## Os segredos do animatografo

O animatografo oferece ao homem um dom dos deuses: ubiquidade. Diante do *écran* ele está em Lisboa, no Terreiro, no Trindade, no Olimpia, e ao mesmo tempo vê o Kaiser em Berlim passando as suas revistas com uma ala pomposa de marechaes ou um cafe comendo a sua ave viva; um navio preso nas geleiras ou um vulcão fumegante, está no cabo do mundo palpitando como se vivesse aquelas existencias que se exibem a seus olhos até que se faz a claridade e as figuras se esvaem como se tivessem sido de sonho.

Quando no sub solo d'um grande café de Paris os irmãos Lumière mostraram as suas primeiras projeções animadas mal se imaginava que dentro em pouco não só as realidades mas tambem as mais estranhas fantasias poderiam surgir á nossa vista como nas historias de fadas. Lembramo-nos agora que se o animatografo tivesse existido ha seculos, teriamos vivos com os seus rostos moveis, os seus gestos, as suas atitudes as grandes figuras e os grandes momentos da historia. Talvez Cristo no Calvario, Cezar na Gallia, Napoleão nas Piramides, todas as tragedias e todas as situações que desde ha poucos anos se pôdem arquivar.

O animatografo arrasta e seduz e já por toda a terra ha quem impressione peliculas que se exibem mostrando todos os panoramas e todos os episodios. A realidade não é, porém, o mais interessante do cinema mas sim a fantasia, os dramas tremendos em que ha mulheres soluçantes, navios que partem entre adeus, ou então personagens comicos recebendo em cheio jatos d'agua de canos rebentados ou derrubando n'uma carreira louca, que faz

gargalhar a pequenada, mesas de cafés, carros de vendedeiras e ciclistas.

Os misterios do animatografo interessam tanto como ele pelo mundo tão espalhado. Era pois curioso detalhar algumas das particularidades dos trabalhos das peliculas e fomos perguntal-os a Lino Ferreira que foi quem primeiro creou em Portugal uma fita animatogra-

Pathé o grande industrial do cinema.

Roch, diretor da Sociedade Cinematografica Viagraph



Cleopatra na fita do mesmo titulo (Signora Terribil Gonzales)

fica, a celebrisada na revista de Luiz Galhardo «O' da Guarda» e tirada no Campo Grande n'uma alvorada



Para uma fita de feras

Piselandier o grande artista do cinema dinamarquez

Max Linder, o grande comico do cinema francez



Mademoiselle  
d'Odinne. (Clické  
Mannel.)

Paris ficavam sur-  
preendidos ao ve-  
rem pelas madru-  
gadas peles ver-  
melhas galgando  
em cavalos céle-  
res, «cow boys»  
atirando o laço,  
soldados equi-  
pados. Quando iam  
soltar o seu ber-  
ro de pasmo  
viam diante de tu-  
do aquilo um ho-  
mem a dar á ma-  
nivela d'uma ma-  
quina. Eram os

tranquila. Alegremente, de bom  
humor, foi-nos dizendo como  
ha anos os moradores de Vin-  
cennes e outros arrabaldes de

um coronel empurrado por um  
soldado e ao vêr Luiz XIV a  
chamar nomes á Montespan  
pensa ter enlouquecido.



Mademoiselle  
Revonne. (Clické  
Bert.)



Interior das galerias «Pathé» onde se representam as fitas exibidas  
em todo o mundo

No entanto—  
diz-nos Lino Fer-  
reira—todas esses  
mantos de côrtes  
impecaveis segun-  
do as epocas em  
que passam os  
dramas apenas  
avultam na foto-  
grafia... São de  
simples paninho  
barato e d'uma  
côr cinzenta sem o  
que não poderiam  
ser reproduzi-  
das... Os deslum-  
bramentos dos



Marco Antonio e Cleopatra na fita Cleopatra



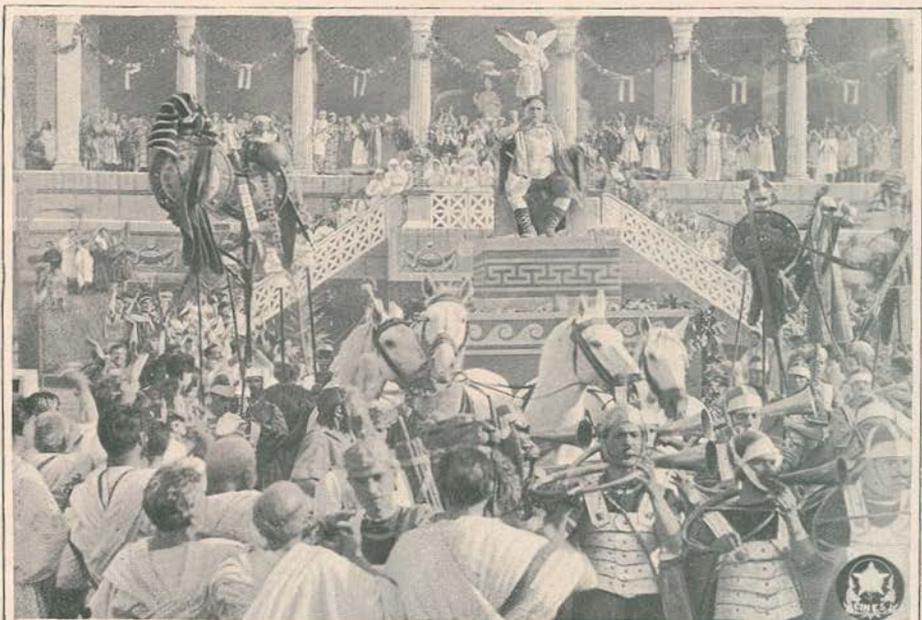
Mademoiselle  
Pascal

primeiros grandes «films» que  
se impressionavam. E' o que  
sucede na peça o «Bon Juge»  
que se representará no Apolo,  
e na qual um pobre magistrado  
julga a França perdida ao sentir

banquetes de Nero, no «Quod  
Vadis», as grandes pompas de  
«Cleopatra», as batalhas do  
«Napoleão», e do «Spartacus»  
que parecem ter saído da his-  
toria para nosso regalo são



Mademoiselle  
Ventura. (Clické  
Felix)



Marco Antonio e Cleopatra: uma das mais movimentadas cenas do grande «film»



O regresso de Ulysses

cinzentas muito bem ensaiadas e nada mais... A maravilha está ali no «ecran».

—Mas as catastrophes, aqueles comboios que se despenham das pontes colossaes quando um policia pretende deitar a mão a um bandido romanesco ou um noivo salvar a sua amada que lhe raptaram...?

—Nada mais simples... Ao começo um comboio onde os artistas se mostram representando, depois, n'altura propria, o «cliché» d'uma verdadeira catastrophe. O ator é metido nos escombros ou dão-se apenas os aspetos dos destroços das linhas e a fita segue... Cada uma d'elas é formada por pequenos quadradinhos impressionados. N'uns vae a representação, depois cola-se com acetona na pellicula de

celuloide, que forma a superficie impressionavel da fita, a fotografia do de-

sastre para logo se lhe juntar novamente o drama ensaiado.

D'este modo ha pontes que se abrem, navios que naufragam, vulcões em erupção, officinas monstruosas, regimentos passando e que são reaes colados no meio do «film», na parte que se inventou.

E' como os homens que se precipitam pelas janelas... O ator faz o movimento de se atirar: é um boneco que se larga e que no momento dá a impressão. A maquina apanha o manequim quando cae no chão mas esta parte corta-se e é o ator caído na sua attitude dolorosa ou representando a morte que se vae colar no «film»... A sugestão auxilia imenso o animatografo. Vê-se por exemplo a personagem entrar para um Banco, para uma Universidade, para o Hospital, para edificios d'onde entra e sae o publico colaborador inconsciente da fita, e julga-se que o resto se vae passar lá dentro... Não é assim... Faltaria a luz de galeria e o tom cinzento necessario para a boa fotografia do cinema... O resto é cenario e representação... Copias fiéis de interiores com os empregados nas carteiras, os alunos nos amfiteatros, os medicos á cabeceira de



Artistas distintos do cinema: 1. Mademoiselle Mistinguett, 2. Mademoiselle Bordon, 3. Madame Marty Coquet, 4. Mademoiselle C. de Raivy. (Clélie Pellé)



5. D'Artagnan na fita «Tres Mosqueteiros»—6. D'Artagnan, Portos e Aramis bates-do-se contra os guardas do Cardinal nos *Tres Mosqueteiros*.

doentes... Depois a sugestão acentua-se pela rapidez das imagens passando diante do espectador... Calcule que n'um espetáculo normal passam duzentas mil fotografias... Só em cada metro ha cinquenta imagens.

—E as grandes cenas dos circos em que se veem os mais arriscados exercicios, saltos, cabriolas, alta escola, trapésios, em que ha domadores e feras?!...

—Apenas uma parte do circo em lona para haver luz, publico que colabora e domadores a valer contracenando com os outros artistas, gente a quem se ensina o papel, aptidões que se aproveitam como sucedia ainda ha pouco n'uma fita em que entrava uma domadora de serpentes. O animatografo aproveita tudo... Ainda ha pouco um jornal de Londres pedia um homem que se parecesse com o rei Jorge para entrar n'uma fita... As semelhanças com personagens celebres são fontes de receitas como vê...

Mas ainda em relação ás feras deixe dizer-lhe que na maior parte dos casos são domesticadas, trabalham com os domadores ou são opiadadas...

—Ha pouco em Turim quando elas fugiram da jaula não se dava isso...

—Olhe com um pouco de coragem d'um bom operador aquilo daria um caso sensacional para o «Pathé Journal» e que mais tarde se podia intercalar n'uma



Trechos do grande fim dramático *Entre irmãos*.



*Entre irmãos*.— grande fita dramática: A cena final

fita tragica... Outras vezes, porém, o «truc» sobreleva tudo... E' o caso impressionante de no «Quod Vadis» vemos as feras avançando para o povo no meio da arena do circo... São apenas as pessoas refletidas n'um espelho que se fotografava e é para ele que os leões arrancam. O resto... os destroços... manequins...

—E os naufragios?! Aquelas traves-

«films» para que trabalharam... Mas por vezes falam... Até fazem alarido como succedeu ha tempo e d'uma maneira que ficou celebre... O rei da Dinamarca andava a bordo do «Rita» na península de Jutland com sua familia quando ouviu tiros, Berreiro, gritos de



socorro e barcos que se chocavam e no meio dos quaes se debatia uma bela mulher... O «hiate» real aproximou-se para a socorrer e o resultado foi o rei ficar na fita que largamente se explorou... A's vezes, porém, ha desastres a valer... Sem falar dos succedidos com as feras, houve por exemplo o da fita «Amôres de chauffeur» em que um automovel se voltou a valer ficando feridos os artistas, o da Mistinguett que levou com um mar-

sias a nado?!...

Lino Ferreira sorriu e acrescentou: Algumas fazem-se n'uma certa extensão, outras porém, em sitios onde há pé... Desde que não se veja a terra um lago de jardim é um oceano.

—E os actores de cinema falam...?

—Nas galerias onde se fazem as fitas entre as cadeiras, as mezas, as cousas de cenario do tal tom cinzento ou mesmo no campo ha um «registreur» que antes da maquina começar a trabalhar diz aos ar-



1. A mais forte, film da casa Nordisk no qual os actores mostram as suas qualidades de «sportmens». —2. A grande ballarina Napierwostka. —3. Berthe Barry uma distinta artista do cinema. —4. Uma das mais tragicas cenas da Cleopatra.

tistas como eles hão-de proceder... Ensaiam-se as cenas... Fotografam-se e ás vezes nem elles sabem como se chamam os

telo mal almofadado na cabeça, os dos comparsas mortos quando se atiravam á agua depois d'uma refeição...

—Mas os artistas do cinema são muito bem pagos não é verdade...?



dinamarquezes, vão enriquecendo... Além d'estes que são propriamente mais dedicados a estas exhibições ha

a grande Sarah, Signoret, Monnet Sully, mademoiselle Bovy, Capellani, a italiana Borelli, a dinamarqueza Nansen e A.berto Capozzi, o primeiro ator da casa Pasquali, e outros que recebem muitos milhares de francos para representarem a fim de se exhibirem no cinema. Zacconi declarou ha

pouco não representer na America porque por aquele preço não sairia de Turim onde lhe dariam o mesmo para

—Sim... Max Linder ensaia e põe em cena as fitas por sua conta e está rico. Tem o talento especial do ator de cinema diverso dos outros artistas em tudo até na caracterisação... Severine e Carlota Viché os grandes mimicos, são exemplos d'isso... ganham rios de dinheiro... André Deed, é outro que tambem como Prince recebe muito... Deed é tão querido em Madrid, sob o nome de Turibio, que uma vez ao encontrar-se ali foi levado ao colcho da multidão e citha que o acompanhava participou do triunfo como se fosse tambem do cinema... A linda Robine e o esbelto Alexandre das fitas de paixão e o celebre Pisslander



Lino Ferreira o nosso entrevistado



1. Prince conhecido entre nós pelo *Bigodinho* um dos mais queridos artistas do cinema *Pathé*.—2. André pelo grande comico.—3. Winter o grande interprete dos dramas cinematographicos pollicias.—4. *Um drama no mar*, film tragico.

figurar em fitas. Mas tambem o animatografo dá para todos, creia...

E Lino Ferreira foi detalhando estas cifras fantásticas:

Pathé de 1912 a 1913 ganhou setecenta e quarenta mil francos e o capital da sua casa é de trinta mil e novecentos milhões. Em Paris ha trescentos animatografos, em Berlim quasi os tantos, a Inglaterra tem



5. A morte de Gavroche na grande fita os *Miseráveis*.—6. A evasão de Jean Valjean na grande fita os *Miseráveis*.

quatro mil, os Estados Unidos, quinze mil, a Argentina e o Brazil mil... Os americanos do Norte gastam por ano nos cinema seiscentos e cincoenta milhões de francos... O publico dispense isto mas tambem as sociedades cinematograficas ali empregam duzentas mil pessoas e impesiam trinta mil peluculas diariamente. E tudo tende a desenvolver-se. Calcule a casa dinamara queza Nordisk, que hoje é das melhores, ainda ha cincoanos não produzia senão fitas de panoramas. O sucesso do seu «film» de reputação mundial «A Escrava Branca» animou-a e hoje tem centenas de grandes fitas litas como o «Ambrose» d'Italia e o

Cine de Roma que cinematografou agora a «Cleopatra»... Depois os preços aumentam, os lucros são enormes para os editores das fitas... Calcule que a «Cleopatra» custou quinhentos mil francos mas o editor já tem dois milhões de contratos fechados e com o exclusivo.

Foi o que sucedeu com o «Quod Vadis» que as empresas da Trindade, Olimpia e Terrasse reunidas exploraram n'aquela salão e teatro pagando o exclusivo que como para a «Cleopatra» é de vinte mil francos alem do preço da fita, trezentos e cincoenta réis por metro... Mas tambem—concluiu—entra-se no caminho da maravilha... E é bem assim...

Já em pleno sertão se pode assistir a uma representação com artistas da Comedie e em Lisboa vêr os zulos dançando o seu batuque. Falta-lhe adicionar o som, d'uma forma superior e teriamos com o gesto e expressão a voz d'ouro de Sarah mesmo nos confins do mundo.

E' pena que seja tão novo o animatografo. Se tivesse existido nos primeiros seculos como a historia não seria um acervo de mentiras e de lendas! E d'ahi talvez fosse peor... Os conquistadores aprenderiam os segredos do animatografo.

ROCHA MARTINS.



Trechos do film: Uma derradeira na vida



# TEATRO

## TEATRO AVENIDA **O grande successo dos Maridos alegres é uma prova bem frizante**

de como uma excelente interpretação e uma animada e viva *mise-en-scene* podem fazer triunfar uma peça banal, a ponto dos proprios prisioneiros confundirem no exito do espectáculo e nas qualidades da obra aquilo que é apenas, sem favor, o merito dos interpretes. O sr. Luiz Galhardo, que é, pelo *Jannache*, o *D. Artan* dos emparezarios portuguezes, pôde marcar, com uma pedra branca, no registo da sua intelligente e audaciosa carreira de director de teatro, o triunfo dos *Maridos alegres*.

Desde que o pano sobe, no primeiro ato, até á ultima cena da peça, uma onda de esfuziante, de irresistivel, de comunicativa alegria inunda a sala e alaga o publico. Não ha um segundo para refletir, nem para recordar a *Casta Suzana* e os mil *vaudevilles* parecidos, para não dizer egues. Não. A alegria triunfa, espuma, em torno de nós, como *champagne*, brinca, salta, brilha a nossos olhos sorridentes. E esse notavel e contagioso efeito obtido sobre o publico deve-se talvez um pouco á peça, habilmente conduzida, com todas as agradaveis receitas e formulas do genero, mas deve-se sobretudo á movimentada, rapida, viva interpretação que tem. José Ricardo é sempre o primeiro ator comico portuguez. E a sr.<sup>a</sup> D. Palmira Bastos dá á peça a galantaria e a delicadeza da sua educação e o encanto da sua frescura.



A atriz Palmira Bastos, o ator Amarante e a atriz Etelvina Serra na peça *Maridos Alegres* em cena no teatro Avenida

## TEATRO APOLO **O Chico das Pegas**

Eduardo Schwalbach

Com a sua barbicha quasi branca de Melistofles, o seu olhito brilhante de satiro, este Eduardo Schwalbach é o rso mas são, mais claro e mais moço que ainda ha no teatro portuguez de hoje. Esse autor de revistas, satiras de costumes, não tem inimigos; este comediografo da intriga e da vaidade não tem quem lhe queira mal; este homem de espirito quasi não tem invejosos ou, se os tem, não dá por eles. Para todos, ele é o adoravel Schwalbach—e é-o pela transoarente bondade que a sua alma comunica; pela indulgencia da sua alegria, ás vezes maliciosa, mas nunca perida; pela ternura da sua palavra; pelo encanto do seu convívio.

O adoravel Schwalbach! O adoravel mestre que ele é, scpretudo na comedia de observação, em que deixa algumas paginas definitivas e perfeitas! A *Lisbilhotel* a é uma obra prima. Ha de ficar no teatro portuguez. N'alguns quadros das suas revistas ha o riso de Arisiofanés. Em todas as suas obras ha a alegria e a sedução.

Schwalbach ri pelo prazer, pela alegria, pela saude de rir. Pôde ser que algumas vezes, es e terno tenha rido, como se diz na caft ga, com vontade de chorar—mas, assim como a sua face



Uma cena do 2.<sup>o</sup> ato da peça *Maridos Alegres*, vendo-se no 1.<sup>o</sup> plano a distinta atriz Palmira Bastos.



Teatro da Republica: Os actores Henrique Alves, Brazão e a atriz Leonor Faria, na peça o *Papá*



O ator Jorge Grave, no papel de Miguel, no *Chico das Pegas*.

ferente para um autor de teatro, um homem de educação. Um verdadeiro artista nobilita tudo que as suas mãos tocam. Schwalbach nobilitou a revista, nobilitou a farça, nobilitou a opera. Schwalbach, autor do *Chico das Pegas*, cuja reprise o Apolo acaba de fazer, é uma obra em que mais uma vez o autor d'*O Intimo* demonstrou conhecer, como ninguém entre nós, a tecnica do successo teatral. E, mais do que isso, é uma opereta escrita em portuguez—e passada e sentida em Portugal.



Carlos Machado no papel de Chico das Pegas

**TEATRO DA REPUBLICA** **T**IVE agora o prazer de conversar durante tres deliciosas horas, no Teatro da Republica, com o espirito encantador de Flers e Caillavet. Ovi-lhes contar, pela boca dos artistas da companhia do sr. visconde de S. Luiz Braga, mais uma das anedotas, espirituosas e sentimentaes, de que se compõe a sua obra. Sorri, enterneci-me, não tive um segundo para refletir.

As peças de Flers e Caillavet são, mais do que verdadeiro teatro, uma delicada e subtil conversa, em que entre o pu-



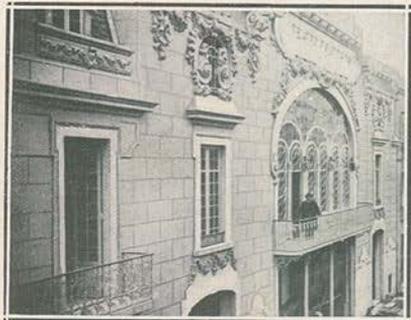
Schwalbach, autor do *Chico das Pegas*

blico e as figuras em cena, se estabelece uma deliciosa permuta de sentimentos e espirito. O espectador tem, ao assistir á comedia, a impressão de que vae n'ela colaborando—tanto as personagens que vê e os paradoxos que ouve estão em si proprio, no seu sentimento da vida, na sua sensibilidade, nos seus habitos moraes, na sua educação.

Ha autores que exploram a peça de emoção, outros a peça de violencia, outros a peça de imaginação.

Flers e Caillavet exploram a peça de simpatia. Flers e Caillavet não exploram o riso nem a lagrima: exploram o sorriso e a ternura. São eminentemente francezes, possuem o bom humor—é d'esse bom humor, com mais tantos por cento de fantasia, outro tanto de sensibilidade, um tudo nada de emoção, muita frescura, muita elegancia, nada de complicações de abalos ne vossos, que eles fazem as suas obras quasi banaes e quasi l'elas, quasi alegres e quasi tristes. E' n'este quasi que está o seu encanto. E' d'este quasi, que nunca os deixa chegar aos excessos, que vive o seu ingenho de comediografos da moda.

A. de C.



A fachada do novo teatro Politeama depois de retrado o tapume: O empresario sr. Luiz Pereira á janela (Chico de Benollet)

# Uma nova casa de espetáculos no Porto

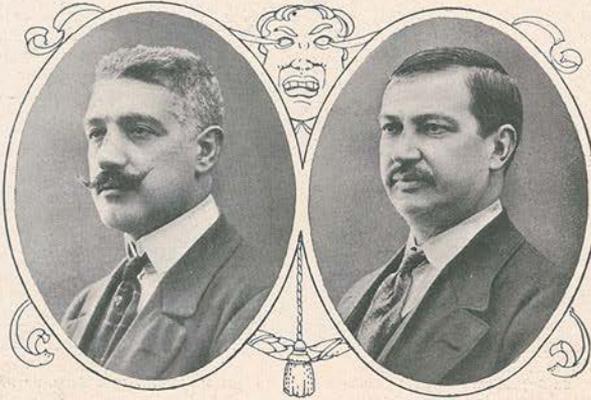
Mais uma nova casa de espetáculos acaba de abrir-se na cidade do Porto e de um tal luxo e sumptuosidade que bem pode considerar-se, sem favor algum, o melhor teatro da capital do norte. Situado na rua Elias Garcia, sem dúvida o ponto mais central da cidade, tem todas as condições para se tornar o preferido da população portuense.

Considera-se hoje no Porto como um arrojo a iniciativa dos srs. José Pinto Roque e Cesar A. Cunha Santos, os proprietários da nova casa de espetáculos. Todavia, tudo

indica que essa iniciativa será coroada do melhor exito, que já se manifestou nos primeiros dias que funcionou o Teatro Nacional Portuense, que assim se chama a casa de espetáculos a que nos vimos referindo.

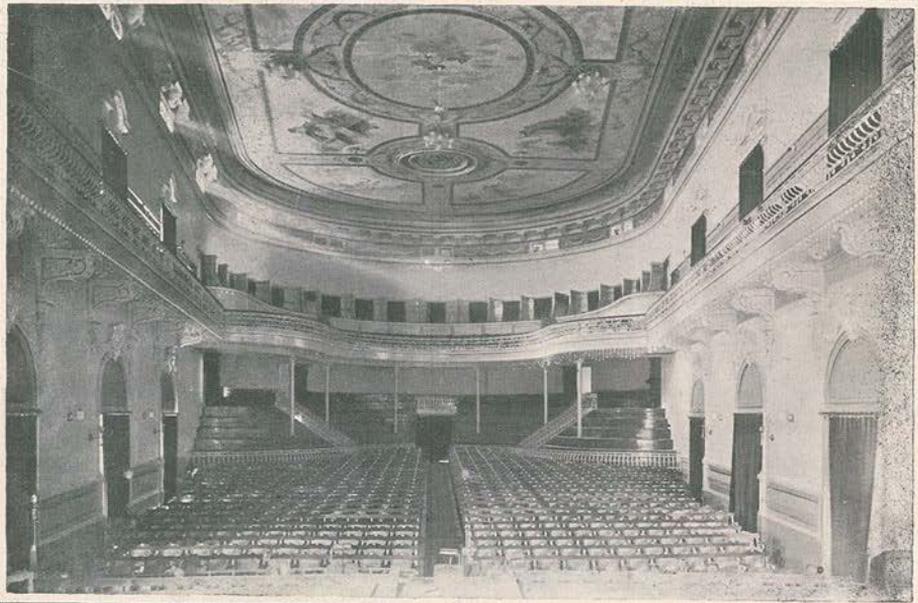
Subindo a antiga rua de D. Pedro do lado direito, quasi em frente da instalação do «Journal de Noticias» os focos intensos de luz electrica anunciam o nosso teatro. A escadaria que conduz ao salão de espetáculos,

ornamentada com artisticos varões de metal amarelo, é branda e suave. Uma



1. Sr. Cunha Santos, um dos proprietários do novo teatro Nacional do Porto.

O sr. Pinto Roque, um dos proprietários do novo teatro Nacional do Porto



O Teatro Nacional no Porto: A sala dos espetáculos

(Clichê da fotografia Beleza)

vez no vestibulo de entrada já ahí se iniciavam os trabalhos artisticos que na sala tem maior relevo.

As artisticas pinturas dos srs. Ribeiro & Moreira são do melhor que se tem visto em casas d'esta natureza.

A iluminação, profusamente distribuída por milhares de lampadas electricas, não tem egual em nenhum teatro portuguez.



Sr. Lutz Galhardo, empreezario artistico do novo teatro.

das as paredes do vasto salão, de fórma que, em poucos minutos, se esvasiaria das mil e quinhentas pessoas que lá pôdem caber.

O teatro Nacional do Porto constitue para esta cidade um bem importante melhoramento e assim o tem reconhecido a população que vae enchendo todas as noites a nova casa de espetaculos. Foi inaugurada, como se sabe, pela empreza Galhar-



A atriz Maria Rajanto, a graciosa cantora que faz parte da Companhia



A atriz Julieta Soares, uma das interpretes d'«O 31», que faz parte da Companhia

Dir-se-ia que estamos em Paris ou em Madrid onde os teatros capricham em tudo quanto se refere a iluminações.

O teatro Nacional é em fórma de ferradura, em uma ordem de camarotes e tres filas de balcão.

A plateia, que é das maiores em teatro portuguez, occupa todo o espaço que vae do palco, que é tambem vasto e amplo, a gradaria que circunda os logares de geral bastante comodas a que não faltam até as almofadas fôfas e macias.

Em excelentes condições de segurança não ha o menor receio de qualquer acidente. Tem inumeras portas em to-

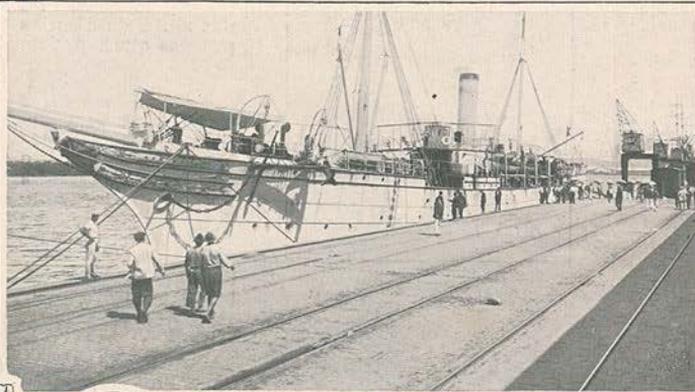


O ator Carlos Leal, director da Companhia do Nacional do Porto.

do, de Lisboa, que aqui levou á cena, para estreia do teatro, a comhedica revista «O 31» que atravessou uma epoca no teatro Avenida.

Fomos a convite da empreza, assistir á recita da inauguração e a impressão que trouxemos do teatro Nacional Portuense não podia ser mais lisonjeira para os seus proprietarios. E' uma linda sala de espetaculos como poucas temos visto até agora. A definição artistica da sua iluminação, os reposteiramente luxuosos, tudo é, emfim, de molde a felicitar-mos a empreza por ter dotado a capital do norte com um teatro que é uma maravilha.

# O primeiro navio portuguez de carreira para o Brazil

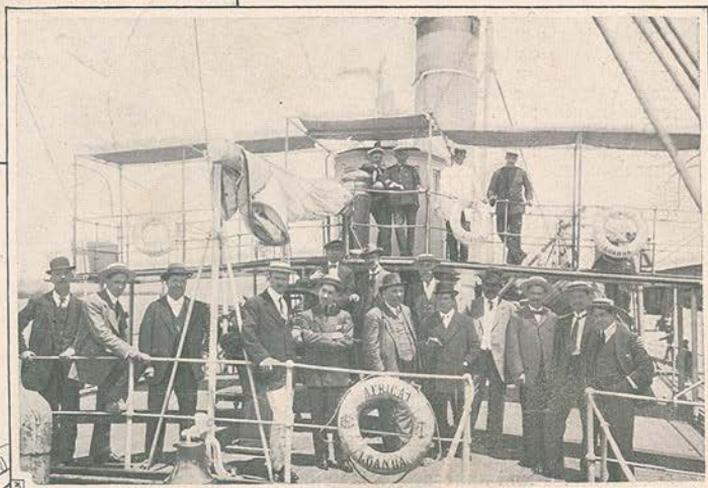


Com a ordem se ergueram sempre e ao mesmo tempo as empresas de navegação aieãs, holandezas, inglezas e francezas estabeleciam as suas carreiras com barcos magnificos para o Brazil e Argentina, ganhando rios de dinheiro disputando-se nutuamente a hegemonia dos transportes com-

merciaes e dos passageiros para aqueles prosperos paizes cada vez mais em relações com a Europa. Os capitães nacionaes não afluim para se fazer a empreza portugueza em larga escala, mas um grupo cheio de boa vontade conseguiu a custa d'esforços formar a Sociedade Liberdade a qual adquiriu o transporte *Africa*. e transformou n'um expiendido paquete de carga e passageiros que, sob o titulo de *Africa I*, acabou de fazer com exito a sua primeira viagem ao Brazil onde foi acolhido com entusiasmo. Esta a base para uma empreza prospera capaz de conseguir rivalisar com as estrangeiras, realizando assim o velho sonho de haver uma carreira larga de bons paquetes portuguezes para aquella Republica.



De ha muito que se pensava est belecer uma carreira directa de paquetes portuguezes para o Brazil, com o que muito teria a lucrar o nosso commercio e as relações entre os dois paizes. Obstacles de



O vapor «Africa I» da Empresa de Navegação Liberdade na sua primeira viagem a Santos (Brazil)

Sederia  
**Schweizer**

franco de porte a domicilio.

Últimas novidades em sedas para Vestidos e Lusas bem como em veludos e peluches. Peça as nossas amostras franco.

Schweizer & Co., Luzerna e El (Suíça)



**CASA ARTHUR MAURY**

A CASA FRANCEZA MAIS ANTIGA

FUNDADA EM 1860

6 - Boulevard Montmartre - PARIS

IMENSO SORTIDO DE SELOS RAROS E ORDINARIOS, NOVOS E USADOS

Acaba de aparecer o **CATALOGO DESCRITIVO DE SELOS** (53.<sup>a</sup> edição)

12.000 preços modificados, completo até Dezembro de 1913, 600 paginas, 4.000 gravuras. PREÇO \$40 centavos

O jornal mensal ilustrado *Le Collectionneur de Timbres Postes*, 49 anos de existencia, cada numero contém cronias filatelicas, listas d'ocasiões reservadas sómente para assinantes. No fim do ano os assinantes recebem gratuitamente o catalogo de selos e que aparece depois do 1.<sup>o</sup> de janeiro. Preço da assinatura: \$30 centavos para a França e \$40 centavos para o estrangeiro. Numero specimen gratis.

**ALBUNS DE SELOS** a partir de \$25 centavos até 40\$ oscuros, os mais cotados e universalmente conhecidos.

Acaba de aparecer o *Priz Courant Montaire*, contendo numerosas ocasiões 120 séries e pacotes, gratis franco a quem o requisitar.

**O CONTEUDO D'ALGUNS PACOTES**

**Pacote Turc**, contendo 50 selos diferentes da Turquia. Preço: \$35 centavos.

**Pacote Colonias Françaises**, contendo 25 selos diferentes das colonias. Preço: \$30 centavos.

**Pacote Le Mikado**, contendo 25 selos diferentes do Japão. Preço: \$11 centavos.

Porte de cada pacote para a França, \$1 centavos; para o estrangeiro, \$05 centavos

(Vêr a continuação no nosso preço corrente gratuito)

**Pacote Serbe**, contendo 25 selos diferentes da Servia. Preço: \$20 centavos.

**Pacote Porto-Rico**, contendo 25 selos diferentes de Porto Rico. Preço: \$27 centavos.

**Pacote Etats Unis**, contendo 50 selos diferentes dos Estados Unidos d'America. Preço: \$20 centavos.

**ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA**

LUZ A GAZOLINA



*Wigand*

UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENHO UM PODER ILLUMINANTE DE 500 VELAS, APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS, PE- DIR INFORMAÇÕES A PARAIZO, PE- REIRA & C.<sup>o</sup> - COIMBRA  
(Eto-se reaesentantes em todos os cantellos)



**O passado, o presente e o futuro**

REVELADO PELA MAIS CELEBRE  
CHIROMANTE  
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME 19  
**BROUILLARD**

Diz o passado e o presente e prevê o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quironancias, cronologia e fisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruse, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemã, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (90br-102) - LISBOA. Consultas a 15000 rs., 25000 e 50000 rs.



**CRÈME SIMON**  
PARA  
conservar ou dar  
ao rosto  
**FRESCURA  
MACIEZA  
MOCIDADE.**



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguém que o usa uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900  
**J. SIMON**, 59, rue du faubourg PARIS 10.  
PHARMACIAS, PERFUMERIAS  
e lojas de Cabellerarias.

*Desconfiar das Imitações.*

# BÉNÉDICTINE



La Meilleure

des Liqueurs

Exquise · Tonique · Digestive

VENDE-SE EM TODA A PARTE